

**FIOS (RE)TORCIDOS: MEMÓRIA E AUTOFIÇÃO EM *O GATO DIZ ADEUS*<sup>1</sup>**Égide GUARESCHI<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina  
[egideguareschi@gmail.com](mailto:egideguareschi@gmail.com)

**Resumo:** O romance *O gato diz adeus* do escritor porto-alegrense Michel Laub, lançado em 2009, é um típico representante da literatura contemporânea brasileira, tanto no conteúdo, quanto na forma. A partir desse livro, este texto pretende fazer uma leitura da obra com o objetivo de pensar como a memória e a autoficção tecem as malhas narrativas do romance de Sérgio, personagem que é escritor e que protagoniza o romance de Laub.

**Palavras-Chave:** literatura brasileira contemporânea; memória, autoficção.

***O Auto-Retrato***

*No retrato que me faço  
- traço a traço -  
(...)  
às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...  
  
e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,  
  
no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Corrigido por um louco!*

(*Mário Quintana*- *Apontamentos de História Sobrenatural*)

O tempo às avessas, fragmentado, os flashes de memória, os temas da depressão, da traição e a desmistificação do que um dia fora idealizado (valores e sentimentos) são temas recorrentes no campo da ficção atual. A Literatura Brasileira Contemporânea tem apresentado ao público leitor muitas obras com essas características, e escritas a partir dos retalhos de memórias do eu e do outro.

Esses textos são testemunhos válidos para documentar, através da literatura, um tempo. O (re)lembrar também data a obra com características de um momento histórico, ainda que, comumente, seja por meio de problemáticas individuais de sujeitos que, em geral,

<sup>1</sup> Texto organizado como trabalho de conclusão da disciplina *Tópico Especial de Literatura Brasileira* - "De(s)memórias narrativas: Se eu seria personagem" ministrada pela professora Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Literatura nível de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina – Bolsista CNPq.

provêm de grupos sociais restritos, que não representam a grande parcela da população nacional como defende Regina Dalcastagnè (2005), em pesquisa sobre o romance brasileiro contemporâneo<sup>3</sup>.

Essas narrativas têm inovado também na estrutura de suas escritas: fragmentadas, velozes e muito próximas da realidade digital. O livro *O gato diz adeus* (2009) do escritor Michel Laub é um exemplo de romance contemporâneo que segue esse estilo, uma intriga conjugal íntima (de sujeitos em condição social estável) que se reverbera em uma narrativa de linguagem fracionada, fria e melancólica.

A história é contada por quatro vozes, sendo que Sérgio, um dos protagonistas da trama, é um escritor que tenta recriar sua própria história dentro do romance. Assim, temos um romance dentro de outro e, a partir dessa forma de escrita, este trabalho intenciona fazer uma leitura de como a memória e a autoficção servem de fios para tecer as malhas da narrativa de Sérgio e, conseqüentemente, do romance de Laub.

Para tanto é necessário explorarmos a ideia de autoficção. Usamos a palavra “ideia” justamente pela manifestada dificuldade em definir um conceito para o tema, pois o uso deste termo é uma tendência recente na literatura brasileira. Nesta linha, Luiz Costa Lima, em exposição oral<sup>4</sup>, colocou que há uma grande dificuldade em, primeiramente, conceituarmos a própria literatura “literatura não se define, não cabe em nenhum conceito. Isso é preocupante, pois parece que precisamos conceituar as coisas” (COSTA LIMA, informação verbal, 2011).

Tal necessidade, porém, exige limites, pois de acordo com ele, como na literatura não há métodos e nem constâncias invariáveis, então, “criar” conceitos é complexo e, às vezes, apenas modismo. Citando o exemplo da autoficção, ele expõe que esta “mistura o ficcional com o autobiográfico”. A autobiografia é a escrita da própria vida, logo ela não pode ser mentira, pois deve haver a fidelidade dos fatos, mas isso, de acordo com o que pensa Costa Lima, não necessariamente é literatura. Já a ficção é algo que se aproxima do real, uma narrativa possível de ter acontecido, ainda que não tenha sucedido no real, mas, completa Costa Lima, mesmo na ficção, há algo de biográfico. Dessa forma, a autoficção é a mistura desses dois conceitos.

Isso é reforçado ainda pela presença da memória, a qual também emerge com o ato do contar. Porém, nem toda a memória transcrita para uma narrativa autobiográfica é real, pois ela é seletiva e deixa lacunas, assim, aceitamos a autoficção como uma ideia possível nesse âmbito. No entanto, Costa Lima alerta, este não precisa tornar-se um conceito facilmente naturalizado e incorporado ao nosso vocabulário, pois, por outro lado, sabemos que nem tudo o que se conta é ficção.

Assim, a partir dessa instigação de Costa Lima, partimos em busca de detalhamentos para compreender a autoficção. Anna F. Martins ao tratar do gênero autoficcional investigou que:

A conceitualização primeira de autoficção foi criada pelo francês Serge Doubrovsky (1977), criador do neologismo e do primeiro romance considerado autoficcional – *Fils*, em resposta à lacuna existente nos estudos

---

<sup>3</sup> Em artigo intitulado *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, Dalcastagnè mostra os resultados de um levantamento em relação às personagens do romance contemporâneo e revela a invisibilidade de alguns grupos sociais, como negros, trabalhadores, gays e deficientes, nesse gênero artístico. Para ela “a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 5).

<sup>4</sup> A conferência, *A História e a Teoria Literárias entre nós*, foi proferida pelo Prof. Dr. Luiz Costa Lima na Universidade Federal de Santa Catarina, como palestra de encerramento do I Seminário dos Alunos da Pós-Graduação em Literatura, no dia 18 de agosto de 2011.

realizados sobre a autobiografia por Philippe Lejeune. (MARTINS, 2010, p.1)

Vale destacarmos que Philippe Lejeune, em seu livro *O Pacto Autobiográfico* ainda em 1975, revela sua paixão pelo tema da autobiografia, mas também algumas questões complexas desse gênero. Segundo ele, no capítulo denominado *Autobiografia e Ficção*, o conceito de autobiografia parte da ideia de verdade, do compromisso com o real, porém como a verdade é um conceito relativo e “tomado em sentidos muitos diferentes” (LEJEUNE, 2008, p.104), também a compreensão da autobiografia não é algo fechado. Nas palavras de Lejeune:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricouer, em que consiste qualquer vida. É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas **não brinco de me inventar**. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2008, p. 104- grifo nosso).

Ao tratar das escritas do eu, Lejeune pressupõe que o gênero autobiográfico estabeleça um pacto de autenticidade, de verdade com o leitor, e essa tarefa não seria do gênero ficcional. A lacuna dessa postura, na visão de Doubrovsky é que “todo contar de si é ficcionalizante” (MARTINS, 2010, p.1) e então ele prefere empregar o termo autoficção, para suprir a deficiência deixada por Lejeune. E define, “a autoficção é um gênero híbrido, que mistura realidade e ficção, uma narrativa que oscila entre o autor e o outro ficcional”. (MARTINS, 2010, p.1).

A heterogeneidade de opiniões sobre o tema é grande. Em *O Espaço Biográfico* (2010), Leonor Arfuch, por exemplo, ao delinear a **biografia**, um campo conceitual mais amplo daquilo que tratamos aqui, nos ajuda a visualizar melhor a questão autoficcional. A autora diz que o espaço biográfico é constituído por diferentes gêneros, suportes e registros. Na composição do espaço biográfico, segundo ela:

Um levantamento não exaustivo de formas no apogeu – canônicas, inovadoras, novas – poderia incluir: biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos -, correspondências, cadernos e notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, [...]. (ARFUCH, 2010, p. 60)

Nessa ótica, Arfuch vê a autoficção como uma possibilidade, apenas um caso de narrativa do eu e “das vidas”. A busca por delimitações conceituais, para ela, não é a validação de regras universais, mas de tendências suscetíveis às características de certo cenário cultural (ARFUCH, 2010, p. 60). A autora mostra ainda, que há um diálogo entre o que intitula de **formas autobiográficas** – gêneros semelhantes, mas com certas diferenças -

que constituem a intertextualidade e a interdiscursividade do espaço biográfico. Nessa perspectiva, consideramos que tal exposição é a que melhor contempla a nossa compreensão da ideia de autoficção.

Temos assim um grupo de narrativas, não necessariamente dispostas de forma hierárquica, mas que convergem e também se distanciam em alguns pontos. Narrações de vidas extraordinárias ou não. E, se a biografia é a narrativa de um autor sobre a vida de uma pessoa e, a autobiografia é a história da vida do próprio autor que a escreve, então, a autoficção seria a possibilidade de escrever sua autobiografia de forma a recriá-la ficcionalmente, assim, entendemos o termo autoficção como “uma estratégia da literatura contemporânea capaz de eludir a própria incidência do autobiográfico na ficção e tornar híbridas as fronteiras entre o real e o ficcional” (AZEVEDO, 2008, p.31).

A partir da compreensão dessa conceituação, faremos uma leitura do *corpus* desta proposta. No romance em questão, *O gato diz adeus*, a história é narrada em partes e traço a traço as personagens são delineadas, a partir da voz de cada uma delas. “Narrado por uma atriz, um escritor, um professor universitário e uma estudante de letras, *O gato diz adeus* refaz a história de dois casamentos – um que termina, outro que tenta começar”. (LAUB, 2009, capa traseira).

Essas quatro vozes expõem seu ponto de vista e fazem com que os fios da memória se enlacem, ou tentem se encontrar em algum momento e construam a história. O livro tem forma jornalística, escrito em fragmentos como se fosse um diálogo, em que um cabeçalho indica o nome do interlocutor que fala. O romance começa a ser narrado por Sérgio e uma após a outra as personagens se manifestam, como se respondessem ao que foi declarado pela personagem anterior. Além disso, trechos de jornal, “do último artigo publicado sobre o caso” (LAUB, 2009, p.15) e de entrevistas de Sérgio, auxiliam na composição do romance.

Apesar desse movimento da narrativa, causado pela interlocução entre as personagens, percebemos que há a “contaminação” da voz de Sérgio nas palavras dos demais participantes. É ele que conduz o que é dito, a próxima resposta, ou declaração. Assim, é como se Sérgio tivesse (es)colhido as informações veiculadas em jornais, os depoimentos dos envolvidos e organizasse, a sua maneira, o que é contado. A junção desse quebra-cabeça segue a linha de um seriado de televisão, por exemplo, pois depois de um episódio esperamos ansiosamente pelo próximo e somente ao final conheceremos a história completa.

Esses detalhes podem ser observados em vários trechos da obra. Ela começa com uma declaração de Sérgio “O gato é um dos bichos mais vulneráveis da natureza. [...] Valesca foi um presente de Márcia. Ela insistiu que me faria bem. Márcia sempre insiste, mesmo quando você deixa claro que não está disposto a ouvir [...]”. (LAUB, 2009, p.9). Nesse mesmo espaço, Sérgio apresenta ao leitor a sua versão, aquela história com a qual teremos contato no decorrer do livro “Muito tempo se passou desde aquele encontro, e parece que estou falando de outro mundo [...] esta história não era nem sombra do que se tornaria em breve [...]”. (*idem*, 2009, p.10). Este último trecho externaliza a intenção de Sérgio, de contar a sua história (sua autoficção).

Essa seria uma das chaves de leitura deste romance, ou seja, Sérgio enquanto vetor dos acontecimentos e do relato das demais personagens. É conveniente que Sérgio narre a situação através da sua ótica, também, em função dos acontecimentos, que são tensos e dolorosos. Ele, aos quarenta anos, é um escritor sem sucesso e amargurado. Seu primeiro livro foi o único que teve repercussão, algumas resenhas e, em poucos anos, espaço na estante de sebos. Era professor da área de letras, casado com Márcia, uma linda atriz, e viciado em revistas de pornografia. Sérgio submetia a esposa às situações constrangedoras, pois sentia prazer em oferecê-la ou vê-la oferecendo-se a outros homens. Os fios do enredo se encontram aos poucos e se (re)torcem para nos tecer a malha completa da história, tudo isso descobrimos

em doses pequenas e impactantes, “só aos poucos [...] o leitor percebe a dimensão trágica de suas consequências.” (LAUB, 2009, aba).

Essa dicção masculina, mesmo nomeando ajudantes para a empreitada do narrar, continua implícita nas outras personagens. Sérgio conduz e influencia a "fala" de Roberto e de Márcia. Depois de um trecho, no qual Sérgio faz reclamações a respeito de sua esposa, ela confessa:

[...] ele não sabia como era depois dos nossos encontros. Ele nunca se interessou pelo que eu dizia em casa, uma santa tomando vinho e atravessando as noites em que eu até parecia outra, e não a mulher que faz o que faz à noite. [...] eu tinha 30 anos e me sentia exausta [...] eu devia achar ótimo me ver livre disso, mas não consigo [...]. (LAUB, 2009, p.12).

Sobre o assunto, Roberto diz “é um história tão feia que tenho até vergonha de comentar. Não estou falando isso por causa própria.” (LAUB, 2009, p.15). “Até hoje não consigo acreditar nos motivos dele [...] tenho certeza de que foi por vaidade [...] como se fosse uma vítima também.” (*idem*, p.18). E dirigindo-se a Sérgio, “você já parou para pensar que Márcia pudesse ter interesse em ser tratada como alguém digno [...] que tivesse urgência em fugir de você, da sua empáfia, da sua doença?”. (*idem*, p.21).

Os narradores que mostram suas versões e apresentam-se uns aos outros, por vezes parecem se contradizer, despertam ao mesmo tempo, compaixão e ódio no leitor. Mas, como no desenho dessa relação estão em jogo, por um lado, questões ideológicas e morais (a depressão, a tara, o poder e a violência) e, por outro, questões cotidianas e práticas como a família, os filhos e a profissão, então, estes pontos parecem justificar tais formas de comportamento.

Às vezes, é revoltante, ficamos até com raiva das atitudes de Sérgio e da submissão e Márcia. No entanto, o romance de Michel Laub ganha pontos não pelo que conta, mas como o conta. Interessamo-nos em ir até o final da história, pois a escrita pulverizada chama o leitor a participar, a preencher o que não está dito. Muitos detalhes da história estão subentendidos, o tema “são relações pontuadas por excessos de toda ordem, o que inclui perigosos jogos eróticos e episódios de traição e violência”. (LAUB, 2009, aba).

Estas vozes que contam, silenciam, deixam lacunas. Esse fator aponta para outro recurso, claramente utilizado no processo de construção dessa narrativa: a memória. O primeiro capítulo do livro, *O passado e o futuro numa coisa só*, já anuncia o movimento de introspecção, de busca pelo registro das lembranças. Ao tratar do gênero memorialístico, Antonio R. Esteves (2009) mostra que este é “um gênero que trata de borrar os limites entre o vivido, o imaginado e o lembrado”. (ESTEVES, 2009, p.84). Concordamos ainda com Tedesco (2004) que ao refletir sobre as ideias de Jedlowski<sup>5</sup>, coloca que:

A memória é ainda aquilo que fornece aos indivíduos o sentido da própria colocação no tempo, interligando o passado, o presente e o futuro numa rede de afetos, de reflexão e de esperança, ainda que sabedores de que, na realidade, o passado não permanece mais idêntico a si mesmo; ao contrário, é incorporado seletivamente e reformulado constantemente, com base nas alterações das exigências da vida. (TEDESCO, 2004, 34).

---

<sup>5</sup> Jedlowski, P. *Memoria. Rassegna Italiana di Sociologia*, XXXVIII. n.1, mar. 1997, p. 135-147.

O contar de si faz com que Sérgio repense, analise os seus atos, as atitudes que teve no passado e se refaça ficcionalmente. Nessa esteira, quanto à autoficção que constrói, alimentada pela imaginação e pela memória, destacamos que:

[...] a incompletude não é um traço específico da memória, pois é também da própria vida. Há, portanto, no homem a necessidade de recorrer à imaginação, quer no presente ou no passado, para lançar-se além dos limites que a realidade lhe permite. (HERVOT; SAVIETTO, 2009, p. 33)

Esta memória trazida pelo escritor, que nos remete aos limites entre o ficcional e o não-ficcional, é ainda reiterada pela epígrafe presente na primeira página do romance, “E és também o que terás perdido”, de Jorge Luis Borges. E o que é que Sérgio perdeu? Perdeu não só o que ficou para trás, mas também sua filha, que é a quarta personagem, Andreia. Ela aparece apenas na página quarenta e nove<sup>6</sup> do romance *O gato diz adeus*. Primeiramente, nos é apresentada como uma leitora do livro de Sérgio, em seguida, sabemos que ela é estudante de letras, aluna de Sérgio e que, de forma inesperada, descobre-se como integrante da história que lê, ela é filha do escritor, Sérgio.

Esta é mais uma das estratégias narrativas de Laub, fazer com que o leitor se questione: qual dos romances eu li o real, ou o ficcional? Aquele que Andrea leu ou o que estou lendo? Em suma, é essa pluralidade de vozes, carregadas de memórias amargas e surpreendentes que constroem o discurso ficcional instigante, dinâmico que chama a atenção dos leitores. “No duro acerto dos personagens com o próprio passado, revela-se o quanto de amor pode haver por trás do que aparenta ser apenas agressão, mentira e loucura”. (LAUB, 2009, capa traseira).

Percebemos que ao final desse “balanço afetivo”<sup>7</sup>, o gato se despede, ele diz adeus. E quem é ele? É a própria Márcia, pois vemos o gato como uma metáfora das atitudes dela. Ela diz adeus não só pela separação, mas pelo seu fim trágico, a morte. Sérgio ao relatar a proximidade da então ex-esposa, diz que ela:

[...] costumava manter distância ao chegar na minha casa. Aos poucos ela se aproximava, como uma dança de poltronas, até sentar ao meu lado e observar em silêncio aquela fraqueza do gato. Um bicho que sucumbe a uma armadilha simplória, traído por sua própria biologia [...] ela chegaria mais perto e quando eu me desse conta já estaria encostada em mim. (LAUB, 2009, p.12)

Este fragmento reflete a debilidade com que Sérgio via a sua “amada”, tão linda, mas frágil e ao mesmo tempo traiçoeira. Assim, são todas as relações apresentadas “na história de rara intensidade emocional” (LAUB, 2009, aba).

Os mistérios, os implícitos e os não ditos, que a obra apresenta, são o que nos instigaram essa leitura. Além disso, estudar autoficção é interessante, pois mesmo que os autores postulados nesse artigo, não converjam para o mesmo conceito de autoficção, é essa riqueza de diversidade que faz com que o termo não seja fechado, o que não exclui outras

<sup>6</sup> O romance *O gato diz adeus* possui ao todo 78 páginas.

<sup>7</sup> Expressão utilizada em aula pela professora Tânia e que sintetiza em partes a ideia do romance *O gato diz adeus* (2009).

possibilidades de compreensão. Isso mostra, que a ideia sobre autoficção, tanto de Costa Lima, quando de Doubrovsky, de Arfuch e dos demais autores citados, é possível.

Dessa forma, observamos que Laub (2009) compõe em sua obra diferentes tessituras que nos permitem várias interpretações, como por exemplo, o que é real e o que é ficcional nesta obra? O que é verdade e o que não é? Qual dos autores estamos lendo? Todos esses questionamentos são contemplados pela teoria da autoficção, pois tanto a narrativa de Sérgio, quanto a de Laub são plausíveis a partir da ideia autoficcional. Entendemos que Sérgio utiliza-se do gênero autobiográfico e do ficcional para narrar sua história, já Laub, nos deixa em dúvida, pois, em entrevista<sup>8</sup>, revela que seus livros são memorialísticos, porém, apesar de escrever em primeira pessoa, estes não são autobiografias, nem sempre ele viveu aquilo que escreve. Geralmente, constrói seus romances como uma forma de recado para alguém em específico.

### Referências:

- ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AZEVEDO, Luciene A. de. *Autoficção e literatura contemporânea*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/revista/2008/12>>. Acesso em: 20 jul. 2011.
- COSTA LIMA, Luiz. *A História e a Teoria Literárias entre nós*. Conferência proferida no CCE da UFSC. Florianópolis, 18 de ago. de 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71.
- ESTEVES, Antonio R. *Os desastres da guerra nas memórias de Francisco Ayala*. In: Narrativas do eu: a memória através da escrita. Ana M. Carlos & Antonio R. Esteves (Orgs.). Bauru, SP: Canal6, 2009.
- HERVOT, B.; SAVIETTO, Maria do C. *A escrita autobiográfica*. In: Narrativas do eu: a memória através da escrita. Ana M. Carlos & Antonio R. Esteves (Orgs.). Bauru, SP: Canal6, 2009.
- LAUB, Michel. *O gato diz adeus*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. *Autobiografia e Ficção*. In: *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à internet. Tradução: Jovita G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- MARTINS, Anna Faedrich. *A autoficção na literatura contemporânea*. V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2010. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V\\_MOSTRA\\_PDF/Letras/83352-ANNA\\_FAEDRICH\\_MARTINS.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83352-ANNA_FAEDRICH_MARTINS.pdf)>. Acesso em 12 jul. 2011.
- TEDESCO, João Carlos Tedesco. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUSC, 2004.

<sup>8</sup> Entrevista disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/890674-michel-laub-se-rende-ao-judaismo-pela-primeira-vez.shtml>>. Acesso em 2 ago. 2011.